

O SAMBA MUITO MAIS FORTE DE JUAZEIRO DA BAHIA

Josias Pires Neto¹

RESUMO

O texto discute diversidade cultural e democracia tendo como referência conceitos de campo de forças do historiador inglês E. P. Thompson e de encruzilhada proposto por Leda Maria Martins. Tais conceitos foram apropriados para buscar compreender experiências afro-atlânticas, no período colonial e imperial, que lograram superar obstáculos de várias ordens postos pelas elites senhoriais, para ressoar nas ruas e terreiros, em casas, salões, teatros e outros espaços proibidos, apesar da legislação e de ações repressivas.

*

No dia 2 de novembro de 1873, um domingo e feriado dedicado aos Finados, ocorreu na então Vila de Juazeiro, no extremo-norte da Bahia, margem direita do rio São Francisco, um “acontecimento bem triste e impróprio de uma Villa como esta, onde há uma população bem numerosa, e alguma civilização”, de acordo com o relato do fato deixado pelo juiz municipal daquele Termo, Francisco Martins Duarte, em correspondência remetida diretamente ao então presidente da Província da Bahia, Antônio Cândido da Cruz Machado, a quem solicita as devidas providências².

O acontecimento referido pela autoridade judiciária decorreu da prisão de uma pessoa dita desocupada, Arsênio dos Anjos Moreira “sem modo de vida nenhum conhecido nesta vila”, cuja prisão produziu pronta resposta de um grupo de indivíduos, supostamente da mesma condição social do prisioneiro, “da laia de Arsênio”, os quais reagiram à ação policial

¹ Doutor do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: jpiresneto@gmail.com

² Do juiz municipal Francisco Martins Duarte ao presidente da Província da Bahia em 06/11/1873, APEBa, Governo da Província, Juizes de Juazeiro, Maço 2451. Este documento foi encontrado pelo pesquisador Urano Andrade e disponibilizado na Internet: <https://uranohistoria.blogspot.com.br/2012/04/samba-de-protesto.html>

de maneira surpreendente: em plena noite de Finados “reuniram-se e formaram um **grande samba**” (grifo meu) com o objetivo de protestar contra a decisão do “delegado e [d]os guardas policiais”.

Apesar do protesto, Arsênio provavelmente continuou na cadeia pois o grupo de amigos voltou a agir: “na noite seguinte reuniram-se em número maior na margem do rio em frente de uma das ruas mais públicas desta Vila e levantaram outro **samba muito mais forte** ainda, de maneira tal, que atroavam as vozes dos turbulentos por toda esta Vila [...]” (grifo meu). Como se vê, o “triste acontecimento” referido pelo juiz foi, na verdade, um ruidoso protesto, nomeado de Samba pela autoridade municipal, que mobilizou a Vila durante dois dias. Ao longo do documento, o redator explica que o fato contou com a ativa colaboração de autoridades civis (o juiz de direito da Comarca), militares (oficiais da Guarda Nacional) e de outros próceres da elite local.

Este documento foi tomado como ponto de partida para a realização de pesquisa, que resultou em tese de doutorado³ estruturada em torno da seguinte questão central: como se deu e como devemos compreender o fato de que batuques, lundus e sambas tenham logrado superar os obstáculos postos por senhores de escravos, autoridades civis, militares e eclesiásticas, ainda durante o período colonial, e penetrado em salões, teatros, casas de senhores e outros espaços proibidos, apesar de tentativas de contenção por meio de legislação proibitiva e de atividades repressivas, levadas a cabo pelo sistema escravista?

A pergunta pode ser enquadrada no campo de estudos do tema da diversidade cultural e democracia, quando se leva em conta, por exemplo, conceitos como o de “campo de forças” desenvolvido pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson (1998) para estudar os costumes comuns e a economia moral da multidão na Inglaterra pré-capitalista. O conceito pode ser particularmente útil para analisar processos sociais, políticos e culturais polarizados pelas relações entre populações economicamente dominadas e setores dominantes na formação das sociedades coloniais.

Os jogos simbólicos, materiais, corporais acionados pelos afro-atlânticos repercutiram nos modos como os “campos de forças” foram

3 A tese “Música e dança afro-atlânticas: (ca)lundus, batuques e sambas – permanências e atualizações” foi realizada no âmbito do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia (2020).

impulsionados – ainda que a contragosto de parte da minúscula elite senhorial – no sentido de incorporar a difusão de práticas culturais, conhecidas como calundus, batuques, festas de santos, como as do período do Natal, Ano Novo até o Carnaval e período junino, por meio de grupos diversos, bandas de fazendas, barbeiros, praticantes de lundus, de chulas e sambas para além do universo circunscrito de africanos escravizados e libertos. Tais processos demonstram cabalmente que aquelas pessoas atuaram como agentes históricos, cujo papel fundamental na sociedade brasileira foi muito além de contribuir para a criação da riqueza dos seus exploradores, pois, na verdade, é possível verificar a sua decisiva centralidade para a formação da cultura e da sociedade em seus mais distintos aspectos.

Apesar da legislação proibitiva e das ações repressivas, a diversidade das práticas cosmológicas e socioculturais afro-atlânticas expandiram-se horizontalmente (no território) e verticalmente (na escala social) passando por sucessivos processos de atualizações, resultado de transformações históricas, políticas, sociais e culturais caracterizadoras da cultura da diáspora, constituída nas *encruzilhadas* de diferentes influências. A compreensão da cultura da diáspora como cultura das *encruzilhadas* foi proposta pioneiramente no universo acadêmico por Leda Maria Martins (1997), que desenvolveu a concepção da *encruzilhada* como operador conceitual para lidar/analisar a cultura brasileira. Nos seus termos, músicas, danças, gestos, movimentos, comportamentos encontrados na sociedade brasileira “constituíram-se como lugares de *encruzilhadas*, intersecções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações” (MARTINS, 1997, p. 25). A cultura da diáspora, das *encruzilhadas*, cultura de reinvenções afetou todos os campos da sociedade, espalhando-se para além de grupos originários, passando a incluir em sua difusão afro-brasileiros, mestiços, índios e mesmo brancos em diferentes regiões do novo país.

Evidências documentais encontradas na pesquisa apontam para o fato de que o “grande samba” de Juazeiro funcionou, naquele contexto, como espécie de *charivari* político, prática costumeira no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, derivada de antigo costume europeu, conhecido

em Portugal com o nome de *Serração da Velha*. Câmara Cascudo (1984) referiu-se a esse costume, originalmente vinculado à época da quaresma, mas que “vez por outra” no Brasil foi promovido fora do período quaresmal “com intenção política e demonstração de desagrado, à porta de um chefe decaído ou derrotado nas eleições”.

O historiador francês Emmanuel Fureix identificou a politização de “ritos de sociabilidade costumeira” como enterros, banquetes e *charivaris*, nas monarquias censitárias do século XIX, como experiências que forçaram a prática política a extrapolar a esfera oficial do parlamento e dos salões de intelectuais, englobando a “mais ampla, mais caótica esfera pública das ruas” (KRAAY, 2015, pp. 31-32). Tais *charivaris* políticos serviram para exprimir o sentimento em favor da “justiça popular”, condenando traidores das “causas liberais ou o oportunismo de certos deputados, bem como as decisões administrativas ou judiciárias julgadas arbitrárias” (ib., p. 31).

As atividades cosmológicas, socioculturais, criativas dos afro-atlânticos forneceram fundamentos para, em meio aos intensos conflitos e intermináveis negociações com os setores sociais dominantes, estabelecer a natureza dos vínculos sociais, políticos, culturais entre camadas populares, patrões e autoridades militares, civis e judiciárias. Em Juazeiro o *Samba* como *charivari* foi lançado na *encruzilhada* com a política, a polícia, a violência, o protesto, as acomodações. A análise do “samba muito mais forte de Juazeiro” permitiu observar em detalhes a configuração do campo de forças mobilizado por variados interesses de distintas camadas sociais.

Naquelas terras disputadas por famílias beligerantes, descendentes de senhores feudais, que se espalharam por todo o vale do rio São Francisco, a forte presença de enorme diversidade de músicas e danças afro-atlânticas é reveladora da imensa plasticidade estética e política alcançada por essas formas musicais e coreográficas na entrada do último quartel do século XIX. Em contrapartida, nas duas últimas décadas do século XIX, particularmente com a lei Saraiva de 1881, que encolheu o eleitorado votante em cerca de 90%, houve brutal diminuição da participação político-eleitoral, com fortes impacto na redução da politização popular.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ARAÚJO, Mozart de. **A modinha e o lundu no século XVIII**. SP: Ricordi, 1963.

CARNEIRO, Edison. **Folgedos Tradicionais**. RJ: Conquista, 1974.

CARVALHO, José Murilo de; CAMPOS, Adriana Pereira (orgs.). **Perspectivas da cidadania no Brasil império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.42-43

DEWULF, Jeroen. From the Calendas to the Calenda: On the Afro-Iberian Substratum in Black Performance Culture in the Americas. **The Journal of American Folklore**. Vol. 131, No. 519, pp. 3-29, 2018.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro – modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes/ Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Lisboa: Sextante, 2011.

KRAAY, Hendrik. **Ritos políticos e politização popular no Brasil imperial**. Almanack. Guarulhos, n.09, p.19-40, 2015.

LIMA, Edilson Vicente de. **A modinha e o lundu**: dois clássicos dos trópicos. Tese de doutorado, ECA/USP, 2010.

LINEBAUGH, Peter. Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 3, n. 6, set 1983, p. 7-46.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MOTT, Luis. Acotundá: Raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista do Museu Paulista**, vol. 31, 1986, pp. 24-147

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé – história e formação da nação jeje na Bahia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades Negras, Experiências Escravas e Identidades Africanas na Bahia Setecentista**. Tese de Doutorado, IFCH da UNICAMP, 2005.

REIS, João José. **A Morte é uma festa – Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: PEREIRA CUNHA, Maria Clementina (org.), **Carnavais e outras f(r)estas – Ensaios de História Social da Cultura**. Ed. Unicamp, 2002, pp. 101-155.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª. ed. Ampliada, 2003.

REIS, J. J. & SILVA, E. **Negociação e conflito – A Resistência Negra no Brasil Escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **A Liberdade em construção – Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SCHWARTZ, Stuart. Resistance and Accommodation in Eighteenth-Century Brazil: The Slaves' View of Slavery. In: **The Hispanic American Historical Review**. Vol. 57, No. 1 (Feb., 1977), pp. 69-8.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos Internos – engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVEIRA, Renato da. O candomblé de Angola na Era Colonial. In: ALVES, Aristides (org.). **Casa dos Olhos do Tempo que fala da Nação Angola Paquetan**. Salvador: Asa Foto, 2010.

SLENES, Robert. Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta do Brasil. São Paulo: **Revista USP**, n. 12, pp. 48-67.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2ed., 1988.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Marina de Mello e. Batalhas rituais centro-africanas e o catolicismo negro no Brasil. In: Arnaldo Érico Huff Junior e Elisa Rodrigues (org.), **Experiências e interpretações do sagrado**: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. São Paulo: Paulinas, 207-223, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum – estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular de negros, índios e mestiços**. Petrópolis: Vozes, 1972.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons negros no Brasil**. São Paulo: Art Editora, 1988.